

Fernando Rosseto Gallego Campos

Doutor em Geografia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), professor de Ciências Humanas do Instituto Federal de Santa Catarina (IF-SC) – *Campus Chapecó*  
fgallego@gmail.com

---

# Futebol e festejos no espaço de representação do futebol amador amazonense

## Resumo

O espaço de representação do futebol amador do Amazonas apresenta grande riqueza de apropriação de seus elementos, criando complexas relações e territorialidades. Uma destas formas de apropriação ocorre quando o futebol se encontra vinculado aos festejos (religiosos ou folclóricos). Assim, o objetivo deste artigo é o de analisar de que forma o futebol está associado a festejos no espaço de representação do futebol amador do Amazonas.

**Palavras-chave:** futebol amador, festejos, espaço de representação, espaço de representação do futebol amador.

## Abstract

FOOTBALL AND FESTIVAL IN THE REPRESENTATIONAL SPACE OF AMAZONAS' AMATEUR FOOTBALL

The representational space of Amazonas' amateur football presents great amount of richness in the appropriation of its elements, creating complex relations and territorialities. One of these appropriation forms occurs when football is vinculated to (religious or folkloric) festivals. So, the present study aims at analyzing the way football is associated to festivals in the representational space of Amazonas' amateur football.

**Key-words:** amateur football, festivals, representational space, representational spaces of amateur football.

## **1. Introdução**

O futebol é um elemento fundamental no Brasil, pois transcende sua dimensão esportiva, se conformando como fenômeno sócio-cultural e espacial. Podemos falar, portanto, em uma dimensão da espacialidade própria do futebol, o espaço de representação do futebol. É a partir deste conceito, das formulações de Maffesoli (2003, 2004, 2006) acerca do paradigma da socialidade e de pesquisa de campo – observações e entrevistas –, que pretendemos atingir o objetivo deste artigo: analisar de que forma o futebol está associado a festejos no espaço de representação do futebol amador do Amazonas.

Propomos, portanto, uma breve, porém fundamental, discussão teórica acerca de alguns conceitos e categorias de Maffesoli (2003, 2004, 2006), como socialidade, tribalização, potência, orgiasmo, entre outros. Tal discussão é relevante para a Geografia, pois fornece uma rica base para compreender as mudanças ocorridas na organização sócio-espacial. É necessária, pois, uma visão de espaço que seja capaz não apenas de estabelecer um diálogo com tais concepções, mas também de integrar as dimensões material e simbólica. Adotamos, assim, o conceito de espaços de representação da teoria da espacialidade de Lefebvre (1991). A partir da espacialidade lefebvriana, desenvolvemos nossa leitura geográfica do futebol, formulando o conceito de espaço de representação do futebol. Através dele, propomos a análise do futebol amador do Amazonas, que reúne diversas características pós-modernas, penetrando com enorme força a vida cotidiana dos habitantes da capital e do interior e contribuindo sobremaneira para construção da espacialidade local. Dentre as diversas modulações do espaço de representação do futebol amador amazonense, focaremos nas relações existentes entre futebol e festejos. Tais relações conferem grande dinâmica e riqueza ao universo simbólico amazônida.

## **2. Espaço e socialidade**

Segundo Maffesoli (2006), o paradigma social moderno se encontra em crise, possibilitando a emergência da socialidade pós-moderna, que redefine, entre outros aspectos, toda a estruturação identitária. O indivíduo

moderno passa a ser substituído pela *pessoa*, que encontra sua afirmação em grupos afetuais, as tribos (HALL, 2005; MAFFESOLI, 2006). Este processo de tribalização e de horizontalização das relações possui importantes implicações geográficas, no que se refere, sobretudo, ao espaço e às territorialidades. As tribos possuem forte caráter afetual e local, favorecendo laços proxêmicos, ou seja, o caráter relacional dos grupos e pessoas entre si e com os seus territórios/territorialidades. Ao mesmo tempo, como as tribos estão ligadas à massa (agrupamento mais amplo, também de fundamento nas emoções e nas imagens), a lógica de identificação da socialidade está intensamente ligada à escala global.

O paradigma da socialidade se fundamenta também na idéia de razão sensível – que é transversal a toda obra de Maffesoli, pois permeia as três bases do *statu nascenti* da pós-modernidade: o localismo, a tribalização e a montagem mitológica. A razão sensível, sinergia entre razão e emoções, é calcada na experiência, no coletivo e na vivência (MAFFESOLI, 2003, 2004). Outro ponto fundamental deste paradigma se refere à potência, nova forma de relacionamento, que substitui a prevalência do poder, vertical. Esta horizontalização das relações se organiza em uma forma de circulação reticular, chamada de centralidade subterrânea (MAFFESOLI, 2006). A partir desta forma de organização, as tribos buscam o agregamento em torno de imagens e territorialidades, a fim de buscar o prazer e a autorrealização, ou seja, o orgasmo. Este está alicerçado no sentimento trágico-dionisíaco de busca do prazer “aqui e agora”, através de pulsões gregárias, do transe coletivo e dos excessos (MAFFESOLI, 2003). Para tal, as tribos constroem diversas territorialidades, fundamentadas nas escalas local e global, de modo a se apropriar tanto dos elementos materiais quanto simbólicos do espaço (HAESBAERT, 2004).

Considerando este paradigma, é necessária uma visão de espaço que conjugue as dimensões materiais e simbólicas, mas que possibilite focar nestas últimas. As concepções de Lefebvre (1991, 2006, 2008) nos fornecem base para tal. Apesar das divergências teóricas entre Maffesoli e Lefebvre, o diálogo entre as ideias destes autores pode ser fértil, se pensarmos, sobretudo, na dimensão simbólica da espacialidade deste autor: os espaços de representação. Para Lefebvre (1991), a espacialidade é o resultado da dialética da triplicidade entre três instâncias: prática espacial; representações do espaço; e espaços de representação. A prática espacial

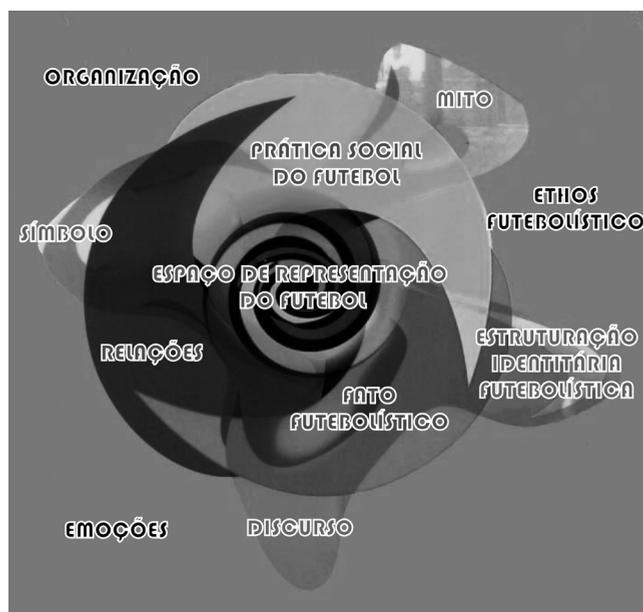
se refere à dimensão do percebido, na qual se dão as relações materiais e a experiência da vida cotidiana (LEFEBVRE, 1991, 2006, 2008). A instância das representações do espaço, a dimensão do concebido, é baseada nas e referente às relações de produção e nas consequências que elas implicam. Baseada em hierarquia e relações de poder, esta instância procura submeter os espaços de representação. Estes compreendem a dimensão do vivido, pois é nos espaços de representação que as pessoas e indivíduos encontram experiências plenamente vividas, constituindo momentos de presença (LEFEBVRE, 1991, 2006, 2008; SOJA, 1996; SHIELDS, 1999; GIL FILHO, 2003). Esta é a instância simbólica da espacialidade, sendo que a materialidade dos objetos e relações é perpassada por um universo simbólico, afetivo, imaginário. Lefebvre escreve sobre os espaços de representação: “espaço diretamente *vivido* através de suas imagens e símbolos associados, [...] Ele perpassa o espaço físico, fazendo uso simbólico de seus objetos” (LEFEBVRE, 1991, p. 39, grifo do autor, tradução nossa).

Conforme Shields (1999), o espaço de Lefebvre exige uma complementação, pois este é formado por espaços (de representação). Esta ideia ou representa uma incoerência ou significa que o espaço (total) se encontra em um nível diferente dos espaços de representação. Assim sendo, tanto o espaço é formado por espaços de representação – em conjunto com representações do espaço e prática espacial – quanto os espaços de representação se conformam como um conjunto de dimensões do vivido. Desta forma, não há simplesmente *um* espaço de representação, mas *vários*. Mas se há *vários* espaços de representação, o que os diferencia? Justamente o universo simbólico que abarcam, permitindo, então, que falemos em um espaço de representação do futebol. Este é a instância da espacialidade em que as pessoas e grupos experienciam o futebol em todas as suas modulações, se apropriando de seus elementos e produzindo territorialidades. O espaço de representação do futebol possui grande relação com as demais instâncias da espacialidade (percebido e concebido), bem como com os demais espaços de representação (como o das artes, por exemplo). A prática social do futebol ocorre na vida cotidiana, sendo na pós-modernidade de maneira mais intensa, devido à emergência da socialidade. Com o atributo de relacionar o universo consensual e o reificado, o espaço de representação do futebol é capaz de produzir uma infinidade de representações sociais (MOSCOVICI, 2003), que invadem – assim como os

elementos simbólicos desta instância da espacialidade – com enorme força as demais dimensões da vida cotidiana pós-moderna, justamente porque o futebol transcende sua condição de fenômeno esportivo e penetra nos interstícios das relações sócio-espaciais.

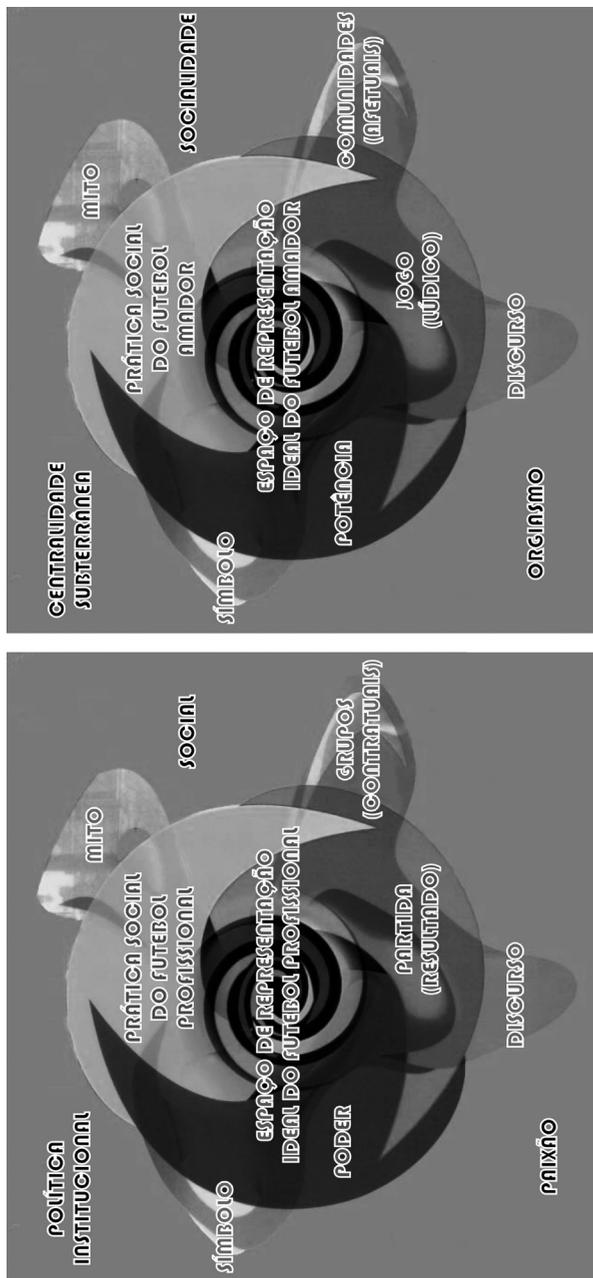
O espaço de representação do futebol se estrutura através de círculos que interagem entre si, formando complexas relações. Há o círculo dos reinos, das categorias de mediação e das categoriais centrais. Os reinos se manifestam enquanto representação social; já as categorias centrais, através de sua interação, produzem o conceito de espaço de representação. Elas se expressam através do círculo das categorias de mediação. O espaço de representação do futebol se divide em três categorias centrais: o fato futebolístico, a prática social do futebol e as relações. Estas três categoriais centrais se relacionam com os três reinos – da organização, das emoções e do *ethos* futebolísticos – através das quatro seguintes categoriais de mediação: o mito, o discurso, a estruturação identitária futebolística e o símbolo. A inter-relação de todos estes elementos constitui o espaço de representação do futebol (Figura 1).

**Figura 1**  
ESPAÇO DE REPRESENTAÇÃO DO FUTEBOL



Fonte: do autor, adaptado de Gil Filho (2003)

**Figura 2**  
**ESPAÇOS DE REPRESENTAÇÃO DO FUTEBOL PROFISSIONAL E DO FUTEBOL AMADOR**



(Fonte: o autor)

Legenda: De cima para baixo – (01) Espaço de representação do futebol profissional; (02) Espaço de representação do futebol amador

Os elementos do espaço de representação do futebol se modificam na medida em que se aproximam mais de uma lógica profissional ou de uma amadora. Não é possível separar estas duas lógicas, já que uma permeia a outra, mas podemos partir de dois extremos. O primeiro deles é que a lógica do futebol profissional é pautada na competição e no rendimento, enfatizando o resultado, e que suas relações de trabalho, pautadas no poder, são profissionais, ou seja, remuneradas e registradas em alguma instituição da extensa estrutura do futebol profissional que vai desde a Fifa até os clubes. No outro extremo, a lógica do futebol amador está fundamentada no lúdico, não existindo relações contratuais com instituições futebolísticas, que prevêem remuneração. Esta pode existir, mas não mediante contratos com clubes, mas com empresas ou através de pagamentos informais – os bichos. As relações se baseiam na potência, que circula através de uma organização calcada na centralidade subterrânea. Estes dois extremos são apenas construções teóricas, dois redimensionamentos do espaço de representação. Desta forma, serão chamados, respectivamente, de *espaço de representação do futebol profissional* e *espaço de representação do futebol amador* (Figura 2).

Entretanto, não há uma dicotomia, mas uma gama de significações simbólicas que se aproximam mais do espaço de representação do futebol profissional e outras que se situam mais próximas do espaço de representação do futebol amador. Esta gama de significações promove uma espessura no espaço de representação do futebol, que é um híbrido entre os espaços de representação do futebol amador e profissional. Assim, é possível dizer que cada um destes espaços de representação possui: uma prática social própria; diferentes significações ao fato futebolístico; bem como distintas relações; estruturações identitárias; entre outros elementos.

### **3. Espaço de representação do futebol amador amazonense**

O Amazonas não é um dos estados brasileiros com maior tradição no futebol profissional, o que, além das limitações geográficas (muitas vezes usadas como desculpa), má gestão e preferência do público por clubes do Rio de Janeiro, ajuda a explicar seu espaço de representação do

futebol profissional bastante desestruturado. O espaço de representação do futebol do Amazonas, entretanto, se demonstra bastante fecundo para uma análise acerca da forma como o paradigma da socialidade perpassa pelos elementos espaciais. Isto se deve ao fato, sobretudo, de seu futebol amador apresentar uma extensa gama de modulações, que não se revelam interessantes apenas no que se refere à quantidade, mas sobretudo à qualidade (não necessariamente qualidade técnica, mas na riqueza da apropriação dos elementos do espaço de representação). Assim, podemos falar que o espaço de representação do futebol amador amazonense não apenas se sobressai em relação ao do futebol profissional, mas é um dos mais ricos e relevantes do Brasil. Isto, entre outras razões, porque ele consegue promover uma integração no maior estado do país (com todas as limitações de transporte e comunicação), que o futebol profissional se demonstra incapaz; por possuir o maior campeonato de peladas (nome popular à prática lúdica e com regras modificadas do futebol) catalogado do mundo, reunindo todos os anos cerca de 700 equipes e 15.000 atletas em seis categorias (RELATÓRIO Geral do XXXIV Campeonato de Peladas do Amazonas, 2006); bem como é capaz de congrega o futebol com seus festejos tanto religiosos quanto folclóricos, entre outros.

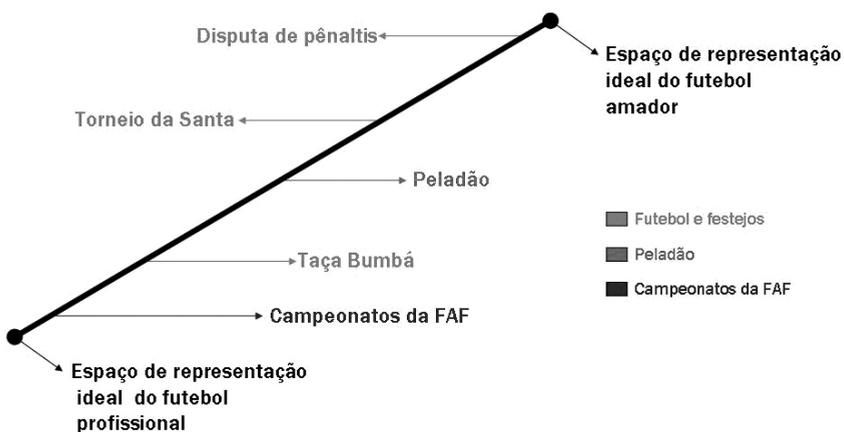
Considerando as peculiaridades do espaço de representação do futebol amador do Amazonas, propomos uma tipologia do futebol amador no estado, tomando como referências as dimensões esportiva, sócio-cultural e espacial do futebol. Nossa proposta tipológica não tem como objetivo a simples classificação do futebol amador de modo compartimentado, mas demonstrar como se dão algumas possibilidades de apropriação dos elementos do espaço de representação do futebol, bem como a produção de territórios futebolísticos e territorialidades. Tomamos como critérios justamente as categorias centrais do espaço de representação do futebol e suas expressões. A partir disto, propomos três grandes tipos de futebol amador no estado do Amazonas: futebol associado aos festejos, campeonatos vinculados à Federação Amazonense de Futebol (FAF) e o Peladão. Há ainda mais modulações, mas procuramos focar no futebol de campo e deixar de lado a matriz escolar. Mesmo assim, esta classificação esconde a complexidade do futebol amador amazonense, pois cada uma das categorias propostas abriga uma imensa gama de significações aos elementos do espaço de representação.

No que se refere à categoria relações, diferenciamos o futebol amador amazonense por sua vinculação com determinadas instituições ou mesmo com um calendário festivo. Os campeonatos organizados pela FAF se fundamentam em uma política institucional muito próxima à do futebol profissional, mesmo havendo nesta instituição um departamento responsável somente pelo futebol amador. Os campeonatos municipais possuem maior liberdade de organização, bem como de adaptabilidade em relação às especificidades locais, já que são promovidos por ligas, que, apesar de ligadas à FAF, possuem certa autonomia. Apesar de seguir regras impostas pela federação, sua organização se baseia também na centralidade subterrânea, sendo que as relações em boa parte das vezes ocorrem através da potência. Já o Peladão tem vinculação direta a uma empresa de comunicação privada, que conta com uma equipe fixa dedicada à promoção do torneio. Mesmo organizado por uma empresa privada, o Peladão não se fundamenta em uma lógica econômica, pois sua organização se baseia quase que exclusivamente em relações pautadas pela potência, uma vez que as restrições de participação no campeonato são mínimas e grande parte da responsabilidade pelo andamento do torneio é atribuída aos próprios participantes. Mesmo assim, entre as equipes que participam do torneio é possível encontrar uma grande discrepância nas formas de organização, sendo que algumas poucas possuem mais estrutura e melhores condições de trabalho (inclusive remuneração) do que alguns clubes profissionais da região, enquanto a maioria das equipes se fundamenta nas relações de amizade, afeto, lançando mão do improvisado. Os campeonatos vinculados aos festejos possuem uma grande gama de formas de organização, uma vez que podem estar vinculados a instituições religiosas (como o Torneio da Santa, em Parintins), ligas municipais (como a Taça Bumbá, também em Parintins), entre outros tipos de instituições. Ateremo-nos aos festejos religiosos e ao Festival Folclórico de Parintins. A vinculação com as instituições religiosas ou culturais pode ocorrer de forma direta ou indireta. Em ambos os casos, a que prevalece é a forma reticular que se conforma e a centralidade subterrânea.

Ao analisarmos o fato futebolístico, identificamos em um extremo os campeonatos de futebol amador vinculados à FAF, como a Copa dos Rios e os torneios das Ligas Municipais. Estes procuram se aproximar ao

máximo da partida do futebol profissional, sendo que as regras adotadas são aquelas impostas pela Fifa-IB, salvo algumas pequenas alterações. No outro extremo temos as disputas de tiros livres da marca do pênalti, realizadas em alguns festejos religiosos nos municípios do estado. O fato futebolístico se transfigura em apenas cobranças de pênalti, sendo disputadas em duplas (um batedor e um goleiro). No entanto, há torneios associados a festejos que se assemelham bastante ao fato futebolístico profissional, como a Taça Bumbá, em Parintins, organizada pela liga municipal, vinculada à FAF. Apesar disto, a mesma instituição organiza a Copa da Santa, um torneio de paróquias da região de Parintins, mas com grande liberdade lúdica e de regras. O fato futebolístico do Peladão ocupa um lugar intermediário entre a partida e o jogo, pois apesar da competitividade observada em algumas partidas, o lúdico emerge com enorme força, sendo que muitas regras foram adaptadas pela organização do torneio a fim de facilitar a fluidez do jogo – que é apitado por árbitros fornecidos pelas equipes – e sua assimilação. A figura 3 demonstra as diferenças de apropriações do fato futebolístico pelos tipos de futebol amador, sendo importante observar que o caso do futebol associado a festejos apresenta tanto manifestações que se aproximam mais de uma lógica profissional, quanto outras mais próximas da lógica ideal amadora.

**Figura 3**  
 APROPRIAÇÕES DO FATO FUTEBOLÍSTICO PELOS TIPOS DE FUTEBOL AMADOR



(Fonte: do autor)

No que se refere à prática social do futebol, todas as manifestações demonstram grande complexidade e se afastam sobremaneira da lógica profissional, salvo algumas exceções, sobretudo observadas naquelas equipes do Peladão que se aproximam da organização profissional, tendo inclusive várias funções ao invés de papéis, como ocorre na maioria das equipes inscritas no torneio. Estas exceções são equipes de tradição, que são bancadas por alguma empresa. Assim, possuem maior tradição no que se refere a resultados, bem como apresentam um grande número de torcedores. Todavia, apresentam, apesar de em outra escala, o principal elemento da prática social do futebol distintivo do Peladão, a *barca*, uma reunião depois do jogo, envolvendo os participantes e a comunidade, na qual o orgasmo é celebrado. Em relação aos campeonatos da FAF, a prática social apresenta uma interessante especificidade no que se refere à Copa dos Rios, campeonato disputado entre as ligas municipais. Devido à distância e ao difícil acesso a maior parte dos municípios, este campeonato acaba impactando sobremaneira na vida cotidiana dos participantes, que necessitam perder vários dias de trabalho e ficar longe da família para poder disputar tal copa. Quanto ao futebol vinculado aos festejos, as práticas sociais se dão de maneira mais pontual, pois estes têm menor duração. Sendo assim, a própria prática social do futebol se confunde com a prática social do festejo.

#### **4. Futebol e festejos**

A socialidade na vida cotidiana pós-moderna se manifesta, no Amazonas, através de momentos de presença e de orgasmo, promovidos pelos festejos que ocorrem nos diferentes municípios do estado. Este calendário de festejos contribui para a construção de um espaço de representação próprio destas diversas manifestações culturais, que celebram desde santos até bois-bumbás. Os festejos também ocupam importante papel na construção do espaço de representação do futebol amazonense, já que associado aos motivos principais das festas está, habitualmente, o futebol.

O futebol é um importante elemento nestes festejos, sejam eles religiosos ou não. O grande deslocamento de pessoas de diferentes municípios para as festas dos padroeiros propicia a organização de torneios. Um exemplo disto é o Torneio da Santa (Nossa Senhora do Carmo), em Parintins. Trata-se de um torneio de paróquias, que reúne times dos municípios de Parintins, Barreirinha e Nhamundá. Os times representam setores da diocese de Parintins, sendo sua lógica geográfica focada em comunidades locais, reforçando os laços proxêmicos e territorialidades pautadas na vida cotidiana pós-moderna. E.F.S., presidente da Alepin (Associação da Liga Esportiva de Parintins), explica que o torneio é mais voltado ao público do interior, mas que a liga parintinense contribui com prazer para a realização deste:

É um torneio de paróquias, mas mais diretamente ligado ao interior. Todos os anos, dia 16 de julho, é feito aqui o Torneio da Nossa Senhora do Carmo, que é a padroeira de Parintins. [...]. É uma questão que eu sempre busco: trabalhar por todos. Eu não busco fazer um trabalho voltado só para a minha vontade, mas para a vontade de todos, para que todos se sintam bem com o trabalho que a gente está realizando (Informação verbal)<sup>1</sup>.

O discurso de E.F.S. se enquadra na formação discursiva dos dirigentes de futebol. Entretanto, trata-se de um dirigente de uma liga municipal, que, apesar de vinculada à FAF, mantém uma organização baseada na centralidade subterrânea. Ao se assujeitar, o dirigente demonstra não apenas os choques entre os interesses pessoais e os da instituição, mas também uma disposição altruísta em relação à organização do Torneio da Santa, baseado fundamentalmente na potência. Observa-se então uma forte dimensão orgiástica e tribal neste tipo de organização, pois além de aproveitar o pretexto de uma festa religiosa, promovendo um evento profano – baseado no prazer do jogo e mesmo na competição –, cria e reforça comunidades afetuais, sendo importante elemento da sociabilização. A dimensão da socialidade fica evidente também pelo fato de que tanto os festejos quanto a prática futebolística vinculada a eles reforçam um localismo – já que cada município possui seu próprio padroeiro e respectiva festa – além de um globalismo amazônida, uma espécie de celebração da cultura regional. Os festejos religiosos lançam mão do futebol para reforçar suas territorialidades, que têm como maiores símbolos os “deuses locais”. Nas palavras de Maffesoli (2004, p. 63):

Com respeito a isso, é preciso lembrar que, tradicionalmente, cada território, cada região tinha seu “deus local”. Esse é o “*numen loci*”. Pôde-se inclusive mostrar que, num dado território, a pregnância do “deus local” era tão forte, que os estrangeiros que ali vinham instalar-se eram levados a adotá-lo. Assim, de maneira paroxística, vemos que a divindade do lugar serve de cimento societário.

Estes deuses locais não são necessariamente divindades ligadas às religiões. No caso de Parintins, Nossa Senhora do Carmo se constitui como grande símbolo das territorialidades estabelecidas a partir do festejo, bem como se torna pretexto para a pulsão gregária do fato futebolístico e de sua prática social. De forma diferente, mas também ocupando o papel de deuses locais – de uma referência tão forte que não se pode fazer nada além de se adaptar a ela – estão os bois-bumbás Caprichoso e Garantido. A vida cotidiana dos parintinenses é amplamente permeada pelos dois grupos folclóricos, que têm sua manifestação máxima no último final de semana de junho, na ocasião do Festival Folclórico de Parintins (Figura 4). Neste festival, os bois-bumbás realizam uma disputa simbólica pelo estabelecimento de territorialidades em Parintins e na Amazônia em geral. Este embate se materializa, durante três noites, em apresentações ao ar livre, em um Bumbódromo – estrutura construída especificamente para a festa –, sob a avaliação de jurados.

O campeão não ganha simplesmente um troféu, mas demonstra sua força de superar seu *contrário* (devido à rivalidade, as pessoas ligadas diretamente aos bois e alguns aficionados nem sequer pronunciam o nome do outro boi-bumbá, referindo-se ao seu rival como “contrário”). Entretanto, a disputa por territorialidades entre os bois-bumbás transcende o festival propriamente dito e se estende para um complexo espaço de representação. Nas palavras de Valentin (2005, p. 28), “a rivalidade influencia a geografia do lugar, interfere na visualidade da cidade e no modo de viver e de ver de seus habitantes”. Simbolizados pelas cores azul e vermelho, respectivamente, os bois-bumbás Caprichoso e Garantido têm seus territórios demarcados por *currais* (nome das instalações dos bois-bumbás, que abrange galpões, palcos e locais para ensaio) e pela própria divisão da cidade em “Cidade Caprichoso” e “Cidade Garantido”, onde as placas e boa parte das casas levam as cores dos bois-bumbás. Esta divisão, apesar de ter fundamento simbólico-identitário, é endossada pela administração municipal, o que pode ser observado pelas placas de orientação na cidade (Figura 4).

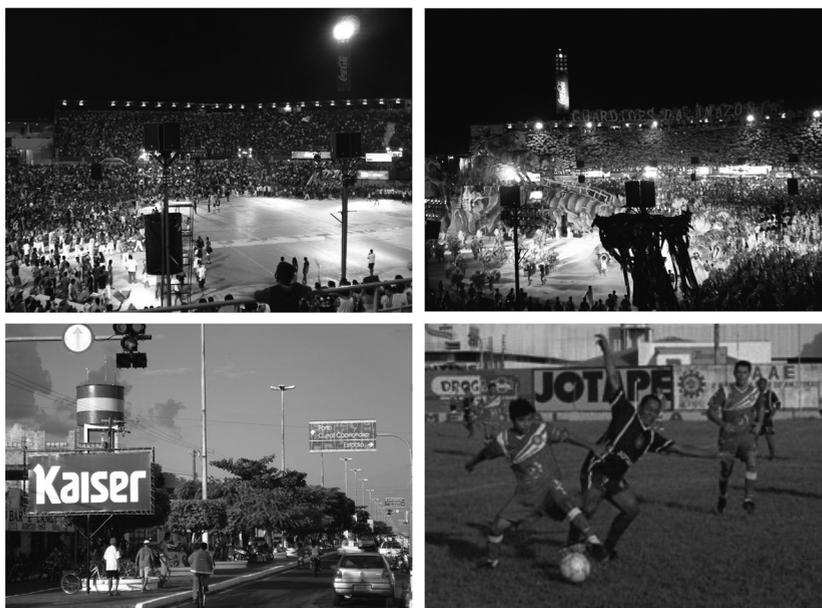
A manifestação sócio-cultural dos bois-bumbás também perpassa pelo futebol amador local, de modo a criar dois torneios organizados pela Alepin, que ocorrem às vésperas do Festival Folclórico de Parintins. O primeiro é o jogo entre as equipes tribais, ou seja, entre aqueles que trabalham diretamente nos currais dos bois-bumbás (fazendo as alegorias, fantasias, coreografias, etc.). Este jogo tem caráter beneficente e mobiliza a comunidade ligada direta e indiretamente aos bois-bumbás, já que se apropria dos nomes e do universo simbólico das instituições Caprichoso e Garantido. O outro torneio é a Taça Bumbá, que também se constitui em um jogo entre equipes representando os dois bois-bumbás, mas exclusivamente com jogadores vinculados à Alepin. São feitas duas seleções de jogadores que disputam o campeonato amador da liga parintinense. Cada jogador deve declarar para qual boi-bumbá torce, ou seja, para qual seleção se candidata. Os jogadores não possuem necessariamente ligação institucional com os bois-bumbás, assim como as associações folclóricas Caprichoso e Garantido não interferem na organização ou no fato futebolístico em si, apenas na prática social do futebol e nas categorias de mediação do espaço de representação do futebol – os símbolos, por exemplo, são mantidos nas cores das equipes (Figura 4).

A Taça Bumbá reproduz para dentro de campo a rivalidade entre Caprichoso e Garantido e estende o aspecto dionisiaco da festa, criando momentos de presença. Ao falar da Taça Bumbá, E.F.S., além de explicar a organização do torneio, ressalta a importância da parceria que mantém com a mídia e com a busca de uma integração com os bois-bumbás, que acabam superando o futebol na estruturação identitária e na presença na vida cotidiana de Parintins. Percebemos, assim, no discurso do dirigente, um *ethos* de interesse de cooperação tanto com as instituições religiosas quanto culturais, uma vez que isto pode significar benefícios à Alepin e ao futebol da região.

E nós fazemos um jogo da Liga, da Alepin, com os selecionados de cada bumbá. Ou seja, só participam os jogadores de suas agremiações de preferência. Neste ano o Caprichoso ganhou por 2x0. Ele foi campeão. E nós temos a participação de A Crítica. A Crítica fornece o troféu para a equipe vencedora, um troféu para a equipe que tira em segundo lugar, como também as medalhas. Nós temos esta cooperação da rádio, TV e jornal A Crítica, de Manaus, que sempre está conosco neste evento que nós realizamos. Nós estamos vivos. Nós estamos sempre buscando

estar integrados com o boi-bumbá, como também no meio social, buscando os aprimoramentos necessários para a gente realizar o melhor possível. Aquilo que a gente dá de nós é o máximo (Informação verbal)<sup>2</sup>.

**Figura 4**  
FUTEBOL AMADOR E FESTEJOS EM PARINTINS



(Fonte: da esquerda para a direita – (01, 02 e 03) o autor; (04) parintinsnet. **Taça bumbá**. Disponível em: <<http://www.Parintinsnet.Com/home.2.Php?Inc=bwf0zxjpyxm=&materia=meteOng=>>. Acesso em 30 set. 2007)

Legenda: (01) Visão do Bumbódromo lotado para o ensaio do Boi Caprichoso, em 2007; (02) Visão do lado vermelho do Bumbódromo na apresentação do Boi Garantido, em 2007; (03) As placas de transito da Cidade Caprichoso são todas azuis, enquanto as da Cidade Garantido são vermelhas. A territorialidade das cores invade, inclusive, a publicidade; (04) Jogadores representando as cores de Garantido (esquerda) e Caprichoso (direita) disputam a bola na Taça Bumbá de 2007.

O reino da organização do espaço de representação do futebol nestes municípios ou comunidades amazonenses apresenta um forte hibridismo, sobretudo, com instituições religiosas e, no caso de Parintins, com os grupos folclóricos de boi-bumbá. Entretanto, isto não significa que os campeonatos, torneios ou partidas sejam organizados pela igreja ou

pelas associações folclóricas, respectivamente. Tais instituições apenas emprestam o poder simbólico de seus festejos para aumentar o apelo destes eventos futebolísticos perante a comunidade. O discurso de que a “copa é da Santa” ou que o torneio é “entre Caprichoso e Garantido” é terreno fértil para a criação e circulação de representações sociais, que reforçam a dimensão da socialidade. Na prática, o que ocorre é que tais eventos utilizam estes festejos como pretexto e como oportunidade de confirmar o futebol como elemento fundamental na criação de momentos de presença na vida cotidiana das massas (ou mesmo tribos).

Além de torneios entre times de futebol, que reforçam territorialidades paroquiais ou mesmo da dualidade entre os bois-bumbás, os festejos produzem outros tipos de torneios futebolísticos, como disputas de tiros livres da marca do pênalti. Estes torneios são disputados em duplas, na qual um jogador é o batedor e o outro o goleiro, e, geralmente, premiam o vencedor com um boi, um porco ou outros prêmios doados às quermesses. Para participar do torneio a dupla paga uma quantia por rodada. Ao perder, a dupla é eliminada, mas pode retornar à disputa se pagar novamente. Assim, o torneio é decidido, praticamente, na resistência. Além de arrecadar fundos para as paróquias, estes torneios de pênaltis são uma importante forma de integração e socialização nos festejos, pois, além do jogo, os participantes se reúnem em torno de comida e bebida liberadas, como conta José Roberto da Rocha, secretário do Tribunal de Justiça Desportiva do Amazonas: “Eles são nutridos à sopa e à cachaça. E ficam a noite inteira batendo pênaltis. [...] É sempre ligado a uma entidade católica. [...] O futebol, na realidade, é para integrar” (Informação verbal)<sup>3</sup>. Estes torneios criam um novo fato futebolístico, altamente trágico e orgiástico, pois extrai do futebol apenas seus momentos de catarse, de presença, a marcação do gol ou a perda /defesa do pênalti. Além disso, revelam uma forte dimensão pós-moderna, que Maffesoli (2003) denomina de vida sem projeto, pois se privilegia o jogo pelo jogo e não pela vitória, já que o vencedor não é necessariamente o mais competente ou preparado, mas o último a desistir ou aquele que estava “na hora certa e no lugar certo”. Esta dimensão destinal faz com que o fato futebolístico e a própria prática social do futebol desta manifestação se aproximem sobremaneira do espaço de representação ideal do futebol amador.

## 5. Considerações finais

Tanto o futebol quanto os festejos possuem grande importância para a construção da espacialidade amazônica (e, naturalmente, amazonense), pois têm papel significativo na vida cotidiana e nas relações locais – tribais e proximicas. Quando associados, o que comumente ocorre, são capazes de se re-significar mutuamente.

No caso do futebol, os festejos colaboram na produção de múltiplas territorialidades através da apropriação dos elementos do espaço de representação do futebol. Isto se torna evidente quando observamos as adaptações do fato futebolístico conforme o festejo (por exemplo, as cobranças de pênalti em festas religiosas no interior), mas também se manifesta nas relações, nas estruturações identitárias futebolísticas (que se articulam com outras lógicas de identificação), nos discursos (que se tornam híbridos entre futebol e festejos, entre instituições e grupos), na criação e redefinição de símbolos (como a adaptação das cores dos bois-bumbás para o futebol), entre outras. Tais re-significações não se esgotam no tempo ritual dos festejos, mas possuem caráter cíclico (MAFFESOLI, 2003), emergindo a cada novo ritual e também através de referências cotidianas aos elementos de tais festejos (bois-bumbás, santos, paróquias, etc.).

No caso dos festejos, o futebol contribui para a pregnância tanto do sentimento trágico e do orgasmo quanto da própria pulsão gregária proposta pelo festejo (seja ela religiosa ou não). O futebol aparece, portanto, não como alheio ou acessório aos festejos, mas fazendo parte de seu próprio ritual. Se o futebol não é a motivação primeva dos festejos, é uma das principais formas de agregação, de se alcançar o sentimento trágico-dionisíaco, de proximia e de construção e reforço de territorialidades.

Há ainda, conforme sinalizamos, uma enorme gama de modulações do espaço de representação do futebol amador amazonense, bem como de outros estados e regiões que merecem atenção especial da Geografia. Compreender estes complexos universos simbólicos é de grande valia para a apreensão das relações sócio-espaciais de determinadas localidades específicas, mas também em uma escala global. O estudo do futebol sob olhar geográfico não se constitui apenas em um desafio interessante, mas numa necessidade de expansão dos conhecimentos e abordagens desta ciência.

## Notas

<sup>1</sup> E.F.S.. **Entrevista ao autor**. Parintins, 27 jun. 2007. Informação verbal.

<sup>2</sup> E.F.S.. **Entrevista ao autor**. Parintins, 27 jun. 2007. Informação verbal.

<sup>3</sup> ROCHA, José Roberto Moreira da. **Entrevista ao autor**. Manaus, 23 set. 2008. Informação verbal.

## Referências

GIL FILHO, Sylvio Fausto. **Espaço de representação: uma categoria chave para a análise cultural em geografia**. In: I - Encontro Sul-Brasileiro de Geografia, 2003, Curitiba. I - Encontro Sul-Brasileiro de Geografia Mudanças Políticas e a Superação da Crise. Curitiba: AGB, 2003.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. orig. 1992.

LEFEBVRE, Henri. **Critique of everyday life – volume 1**: introduction. London: Verso, 2008. orig. 1947.

LEFEBVRE, Henri. **La presencia y la ausencia**: contribución a la teoría de las representaciones. México: FCE, 2006. orig. 1980.

LEFEBVRE, Henri. **The production of space**. Oxford: Blackwell, 1991. orig. 1974.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

MAFFESOLI, Michel. **Notas sobre a pós-modernidade**: o lugar faz o elo. Rio de Janeiro: Atlântica, 2004.

MAFFESOLI, Michel. **O instante eterno**: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas. São Paulo: Zouk, 2003. orig. 2000.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2003. orig. 2000.

SHIELDS, Rob. **Lefebvre, love and struggle**: spatial dialectics. London: Routledge, 1999. orig. 1998.

SOJA, Edward William. **Thirdspace**: journeys to Los Angeles and other real-and-imagined places. Oxford: Blackwell, 1996.

TAMBURRINI, Claudio M. **¿La mano de Dios?**: una visión distinta del deporte. Buenos Aires: Continente, 2001. orig. 2000.

VALENTIN, Andreas. **Contrários**: a celebração da rivalidade dos Bois-Bumbás de Parintins. Manaus: Valer, 2005.

### Fontes primárias

E.F.S.. **Entrevista concedida a Fernando Rosseto Gallego Campos**. Parintins, 26 jun. 2007. Informação verbal.

ROCHA, José Roberto Moreira da. **Entrevista concedida a Fernando Rosseto Gallego Campos**. Manaus, 23 set. 2008. Informação verbal.

### Fontes secundárias

PARINTINSNET. **Taça Bumbá**. Disponível em: <<http://www.parintinsnet.com/home,2.php?inc=bWF0ZXJpYXM=&materia=MTE0Ng=>>. Acesso em 08 set. 2007.

**RELATÓRIO do XXXIV Campeonato de Peladas do Amazonas**. Manaus, 2006.

Recebido em: 30/03/2010

Aceito em: 07/04/2010